



ESTADOS UNIDOS

Ações de rebeldia em todos os 50 estados do país denunciam políticas do presidente republicano e envolvem milhares de pessoas. Porta-voz do movimento responsável pelos protestos denuncia exageros do governo e pede retomada democrática

Atos contra Trump mobilizam 750 cidades

» RODRIGO CRAVEIRO

De norte a sul, de leste a oeste, em eventos que mobilizaram cerca de 750 cidades de todos os 50 estados norte-americanos, manifestantes voltaram às ruas para o segundo protesto nacional contra as políticas do presidente republicano Donald Trump e realizaram ações diversas para expressar insatisfação. "O povo unido jamais será vencido" foi o grito de guerra que reverberou, relembrando as lutas políticas da década de 1970.

Os participantes exigiram o impeachment do magnata, a repatriação de Kilmar Abrego Garcia — o salvadoreño deportado por engano pela Casa Branca — e o fim da perseguição aos imigrantes. Também denunciaram o que chamaram de "autocracia". O "dia de ação" contra Trump foi convocado pelo Movimento 50501, uma alusão a 50 protestos, 50 estados e um movimento.

A mobilização ocorreu no dia em que Trump obteve reverses na Justiça: a Suprema Corte suspendeu a deportação de venezuelanos, no âmbito da Lei de Inimigos Estrangeiros de 1798; e a União das Liberdades Civis Americanas (ACLU) decidiu processar o governo, em uma Corte Federal, por revogar o status legal de estudantes estrangeiros.

"Somos um movimento popular pacífico e descentralizado, com uma missão de proteger a democracia e a governança constitucional, face aos exageros do Executivo e aos ataques às nossas liberdades constitucionais", explicou ao **Correio** Hunter Dunn, porta-voz nacional do Movimento 50501. "Exigimos o fim do imoral e ilegal programa de deportação em massa, a restauração do sistema de freios e contrapesos, a reversão das tarifas desastrosas e de muitas das ordens executivas de Trump, e o fim do dinheiro na política."

Ainda segundo Dunn, o Movimento 50501 começou em janeiro passado nas mídias sociais. "Em 5 de abril, mais de 5 milhões de pessoas participaram de 1.300 protestos, como parte de 'Hands

Kamil Krzaczynski/AFP



Em Chicago, reduto democrata, cartazes pedem resistência e comparam Trump a um "rei"

Adam Gray/Getty Images/AFP



Passeata organizada para "Proteger Migrantes e o Planeta", em Manhattan, Nova York

Richard Pierrin/AFP



Em frente à Casa Branca, ativistas denunciam a agenda ultradireitista e clamam por impeachment

Off? ("Tirem as mãos!"), uma das coalizões nacionais de manifestações. A nossa coalizão inclui grupos, como Indivisible, MoveOn, *The women's march* ("A marcha das mulheres"), *Human Rights Campaign* ("Campanha pelos Direitos Humanos") e muitos sindicatos", disse o porta-voz. "Hoje (ontem), temos mais de

900 eventos em cerca de 750 cidades de todos os 50 estados. No momento, nossos organizadores lideram marchas, comícios, campanhas de arrecadação de alimentos, palestras, eventos de ajuda mútua e muito mais!"

"A democracia corre um grande perigo", afirmou à agência de notícias France-Presse Kathy

Valyi, de 73 anos, filha de sobreviventes do Holocausto. Segundo ela, o que os pais contaram sobre a chegada de Adolf Hitler ao poder, na década de 1930, na Alemanha, "está ocorrendo aqui agora". "Em última instância, todos os temas são importantes e estão unidos por esses laços de interseccionalidade, como os

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O projeto 2025 de Donald Trump e as ações do presidente desde que tomou posse tornaram incrivelmente claro o seu desejo de se tornar um ditador ou um tirano. No entanto, o rei louco ainda não foi capaz de pôr fim à nossa democracia. Em 2026 e em 2028, vamos votar para colocar ele e seus comparsas autoritário para fora da Casa Branca."

Hunter Dunn, porta-voz nacional do Movimento 50501

"Certamente, há um aumento na insatisfação e na preocupação, ambos comportamentos localizados em diferentes pontos e baseados em diversas questões. Cito o tratamento dispensado aos imigrantes; as tarifas e seu impacto sobre os preços, o comércio e as pequenas empresas; a relutância de Trump em recorrer à Justiça; sua postura em relação às universidades e aos estudantes estrangeiros; os temores quanto a previdência social; e a desativação de diferentes poderes e funções do governo", explicou ao **Correio**.

Deportações

A Suprema Corte dos Estados Unidos suspendeu a deportação de supostos membros de gangues venezuelanas do Texas para uma prisão em El Salvador. No mês passado, Trump invocou a *Lei de Inimigos Estrangeiros*, de 1798, com o objetivo de deter integrantes do grupo criminoso Tren de Aragua e deportá-los para uma prisão de segurança máxima em território salvadoreño. "O governo é instruído a não remover nenhum membro da suposta classe de detidos dos Estados Unidos até nova ordem deste tribunal", afirma a breve ordem da máxima instância do Judiciário americano emitida na madrugada de ontem.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

SOFRENDO O BEM DO LIBERALISMO

Nevoeiro ou turbilhão ameaçam o mercado mundial. Qualquer um pode se exceder no gasto por doença, mau gosto ou ostentação, mas receber de onde não convém é tentar fazer o bem a si mesmo, levando o outro a sofrer do bem que possui. A economia sempre gostou do prazer da riqueza e nunca imaginou as dores que é a pobreza. Imposto, taxa e tarifa são a glória do Estado, que gosta de tomar sem dar. Cada um por si, era assim. Agora é um por todos, impondo e sofrendo as dores do liberalismo agonizante.

Estaria o mundo caminhando em direção a um retorno ao mercantilismo? Ouve-se nas capitais europeias e em respeitados centros de pesquisa ao redor do mundo que, sim, estaríamos assistindo ao ressurgimento de práticas mercantilistas decididas por leis mercantilistas.

Por mais que períodos históricos não se repitam exatamente, aspectos

controversos do passado podem, sim, ressurgir como força orientadora para líderes confusos quanto aos objetivos que realmente perseguem. Em um mundo interdependente, as consequências socioeconômicas de decisões geopolíticas unilaterais tomadas por potências são motivo de grande preocupação. Ademais, se dinâmicas de retaliação e visões de "soma zero" saem do controle, os ganhos sociais líquidos tendem a desaparecer. No passado, foi justamente pela insustentabilidade dessas abordagens "primeiro o meu" — baseadas em políticas do tipo "empobrecer seu vizinho" — que o mercantilismo acabou sendo abandonado.

Embora apresente variações ao longo do tempo e em termos de atitudes regionais e bilaterais, a atual organização do comércio global desenvolve-se sob a égide do "liberalismo econômico". Ainda que ocorram variações de liberalismo, esse é o sistema dominante

do comércio global desde o século 19.

É do sueco Eli Heckscher a grande obra de definição e análise dos meandros do mercantilismo. Talvez as pessoas evitem o extenso estudo de Heckscher em parte porque sua visão vai além da dicotomia simplista entre mercantilismo e liberalismo. Sua concepção geral de mercantilismo não o reduz simplesmente à negação do liberalismo. Ele criticava o esquematismo e as generalizações apressadas, descrevendo o mercantilismo como um fenômeno muito mais complexo, que, inclusive, incorporava certos valores desejáveis.

Recentemente, desde o momento em que a maior economia do mundo intensificou sua política de agressivas tarifas comerciais, vozes dos mais variados espectros ideológicos passaram a defender com fervor o livre comércio. Curiosamente, não é apenas a direita minimamente coerente — que reconhece que o protecionismo contradiz os princípios fundamentais do liberalismo de mercado — que tem rejeitado esse recrudescimento tarifário. A

esquerda mundo agora também optou por não endossar as tarifas como uma forma legítima de reafirmação do papel do Estado na economia.

Ao adotar essa postura, setores progressistas deixam transparecer que, na verdade, também reconhecem os benefícios concretos oriundos da competição em mercados abertos — seja em termos de acesso a bens mais baratos, estímulo à inovação ou dinamismo produtivo. Ou seja, mesmo aqueles que defendem a legítima participação do Estado na economia e não querem ver o "bebê do liberalismo" ser jogado fora junto com as águas de seus excessos.

À medida que o neoliberalismo se consolidou como política dominante entre os principais partidos de direita e de esquerda nos anos 1990 e 2000, abriu-se espaço para o surgimento de uma onda populista assimétrica que passou a contestar esse consenso. Curiosamente, essa contestação partiu com maior força e sucesso da própria direita, ou campo conservador. E foi longe, ao defender sobretaxar até países africanos.

O paradoxo em que vivemos atinge

seu ápice quando até mesmo o Partido Comunista Chinês, por meio de sua embaixada em Washington, resolveu citar ninguém menos que Ronald Reagan — ícone do conservadorismo estadunidense — para criticar o protecionismo encampado pelo atual Partido Republicano. Para além de merecer cumprimentos pelo bom-humor, é um contorcionismo ideológico ver os comunistas recorrerem a Reagan para defender o livre-comércio que tanto os beneficia. De todo modo, assim como o livro de Heckscher é carregado de nuances, o "livre" comércio dos chineses é aquele atrelado a um extenso rol de políticas industriais em que as "razões de Estado" permanecem sempre bem acima das preferências individuais. Ou seja, liberalismo e mercantilismo é o nome do socialismo chinês.

Assim, se há alguma lógica mais bem fundamentada na Washington atual, seria a de que os EUA vêm sendo moldados, em grande medida, por Pequim.

PAULO DELGADO, sociólogo